

## ESTUDO DE CASO

Lençóis, Bahia.

### Grãos de Luz e Griô

## Um personagem africano mobiliza a comunidade contando histórias

ALEXANDRE ISAAC\*

**Andando contra o vento, desafiando o sofrimento de** um povo marcado pela desigualdade social e acreditando em suas potencialidades, o projeto Grãos de Luz e Griô é um grito de resistência e um incentivo para aqueles que, do sertão do Nordeste às periferias das grandes cidades, acreditam que um novo mundo é possível. E que a tarefa de interpretar e transformar esse mundo passa pela educação, cultura e pela participação da comunidade na resolução dos seus problemas.

### A cidade

**A cidade de Lençóis, na Bahia, sofreu intensa crise** econômica com o final do ciclo da extração de diamantes. A partir da década de 1980, muda sua vocação econômica e social para o turismo, por conta da sua exuberante beleza natural. Essa mudança, associada a uma crise política na década de 1990, gerou impactos sociais e culturais complexos a serem superados pela população local.

Hoje, com aproximadamente 9.600 habitantes, a maioria das famílias vive na zona rural, em comunidades ribeirinhas de rios poluídos por agrotóxicos das fazendas e pelos esgotos da cidade, sem infra-estrutura urbana e excluída das principais atividades econômicas do município.

### A organização social e o projeto Grãos de Luz e Griô

**A associação Grãos de Luz nasce de uma iniciativa** assistencial para distribuir alimentos a famílias de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social na área urbana. Contando com o apoio de outras organizações sociais locais e a partir de experiências pedagógicas

\* Alexandre Isaac é pesquisador do CENPEC das áreas de Educação e Comunidade e Currículo e Escola.

### Lençóis, BA



### DADOS DO MUNICÍPIO

População rural: 2.514 habitantes

População urbana: 6.396 habitantes

Índice de Desenvolvimento Humano: IDH 0,614

Índice de Desenvolvimento Infantil: IDI 0,353 (Unicef)

### INDICADORES EDUCACIONAIS

Analfabetismo na população acima de 15 anos: 55,1%

Estabelecimentos públicos de educação: 41

Número de professores: 120

Total de matrículas no município: 3.563

Rendimento escolar no ensino fundamental municipal

- Índice de aprovação: 57,2%
- Índice de reprovação: 13,0%
- Índice de abandono escolar: 29,8%
- Taxa de distorção idade-série: 72%

Fontes: INEP, Censo Escolar 2002; IBGE, Censo 2000; Unicef, 2002.

desenvolvidas na Universidade Federal da Bahia — Faculdades de Psicologia, Educação e Dança — a organização passa a desenvolver oficinas educativas e culturais para crianças, adolescentes e jovens, envolvendo as famílias e a comunidade.

A missão da organização Grãos de Luz é semear educação e cultura para o fortalecimento da identidade brasileira, oferecendo atividades complementares à escola para crianças e jovens de sete a 24 anos, promovendo uma educação afetiva, cultural e ecológica, a partir dos princípios éticos de igualdade, liberdade, solidariedade, participação e diversidade. O trabalho desenvolvido pela organização influencia a política pública educacional, por meio da articulação com os Conselhos Municipais — Educação, Tutelar, dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) — e com o próprio poder público — Secretarias de Governo e Educação.

A importância do trabalho político-pedagógico da organização, influenciando a política pública municipal, foi verificada e confirmada em várias instâncias:

- na discussão e apresentação do plano de cargos e salários do magistério público de Lençóis;
- na elaboração e execução da Lei Municipal que cria o Conselho Tutelar;
- na elaboração e execução de plano emergencial de ação do CMDCA, aprovando três importantes projetos com recursos do Fundo da Criança e do Adolescente;
- na criação e implantação do Prêmio Grãos e Griô pela Secretaria de Educação, em parceria com a organização Grãos de Luz, que premia projetos pedagógicos de educadores municipais que contribuem para a melhoria da qualidade do processo de ensino/aprendizagem;
- na construção do currículo de educação junto à comunidade escolar e ao conselho de educação.

## O projeto

*Lá nos sertões da África, entre aldeias distantes, caminham homens e mulheres aprendendo e ensinando fatos históricos e culturais daquela região. São Griôs...*

*... quando o Griô chega nas aldeias, pais, mães e avós e as crianças sentam na roda.*

Está aberto o ritual do contador de histórias.

O Griô (*Griot* em francês) é um personagem do noroeste da África, onde convivem as etnias bamaras, fulas, tucolores e dogons, que caminha entre as aldeias para contar e ouvir as histórias de seu povo, valorizando e preservando as tradições orais da cultura local. Quando um Griô morre, uma biblioteca se queima.

O Projeto “Grãos de Luz e Griô”, valendo-se das tradições afro-indígenas do povo de Lençóis, na Bahia, recriou esse personagem por meio da atuação dos educadores da Associação Grãos de Luz. O Velho Griô baiano caminha entre 19 escolas da zona rural e duas, da zona urbana, contando e ouvindo histórias, dançando e cantando as brincadeiras de roda. Essa atividade envolve as crianças, professores, pais, avós, os Griôs da cultura lençoense e o próprio velho Griô, que é um educador da Associação Grãos de Luz.

Nos trabalhos desenvolvidos pela Grãos de Luz, as crianças, adolescentes e jovens, além de participarem das oficinas com o Velho Griô e os Griôs da cultura local, desenvolvem diversas atividades complementares à escola. As crianças de sete a 16 anos participam das oficinas de identidade, dança e música popular, artesanato de reciclagem e reutilização, artes visuais, brinquedos e brincadeiras.

Os jovens acima de 16 anos participam do projeto de cooperativismo, do qual recebem uma bolsa de estudo para se dedicarem à formação em gestão, economia solidária, computação, *design* gráfico e inglês, além de participarem da cooperativa que produz e comercializa belíssimos artesanatos que valorizam a cultura popular e a natureza local — 50% da bolsa é proveniente da comercialização dos produtos e é definida e dividida coletivamente. Alguns trabalhos da cooperativa são produtos didáticos, distribuídos nas escolas municipais.

O conteúdo pedagógico das histórias, músicas, danças e brincadeiras revela uma concepção de aprendizagem que valoriza os aspectos cognitivos e afetivos, promovendo a sociabilidade, o senso crítico e a autonomia das crianças e adolescentes. Nas rodas de brincadeiras, as crianças aprendem, por meio de belas histórias, a valorizar as tradições orais, as discussões coletivas, a cuidar da natureza e a respeitar as diferenças de gênero, geração e étnico-culturais.

Todas as atividades desenvolvidas pelo Projeto Grãos de Luz e Griô contribuem para o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social das crianças e adolescentes, envolvendo suas famílias, as escolas e a comunidade.

Existe um reconhecimento público da importância da ação da ONG, tanto do ponto de vista do atendimento direto às crianças e adolescentes, quanto do papel de liderança que ela exerce junto às outras organizações sociais e ao poder público local.

Esse reconhecimento extrapolou a cidade de Lençóis quando o projeto “Grãos de Luz e Griô” ganhou visibilidade ao ser exibido em programas de televisão de grande audiência; ao ser reconhecido pelo próprio Unicef da Bahia, que selecionou o projeto entre os três melhores do Estado; ao ser selecionado pelo Instituto do Patrimônio Artístico Histórico e Cultural da Bahia (IPHAN) como um projeto de relevância em Educação Patrimonial; ao participar de diversas monografias de mestrado, doutorado e disciplinas de universidades da região, do Brasil e até do Canadá; ao receber o primeiro lugar no Prêmio Itaú Unicef 2003 em todo o Brasil e, ainda, ao ser eleito pelo Ministério da Cultura como um dos Pontos de Cultura do Brasil.

O projeto também tem representado o Brasil em Festivais Internacionais de Artes Populares, como em Guarujá (São Paulo) e em La Coruña (Espanha).

## “Leite, Leitura, Cultura.

Poesia feita por Diego (11),  
estampada na sua própria  
camiseta.

### A vida como ela é... (a fala das pessoas)

*Aos educadores que resistem ao universo de faltas...  
E inventam, sonham e fazem um outro mundo.*

“— Vocês conhecem o Velho Griô ?  
— É lógico... Ele conta as nossas histórias...  
Ele aprende com a gente e com os mais velhos e  
depois conta de novo.  
— A brincadeira que ele aprende aqui ele apresenta  
em outro lugar, e assim por diante.”  
TAMIRES (16), ITAILMA (17), JOELMA (17), adolescentes  
das Oficinas Cooperativas do Grãos de Luz

“— Aqui, na cooperativa, todos sabem fazer de  
tudo, apesar da divisão das tarefas.  
— A melhor coisa é a amizade do grupo e a  
convivência com os educadores.”  
LUZINETE (18), LEIA (22), BIA (21),  
RAIMUNDO (16), JOC (16).

“ Somos filhos dos escravos  
Por isso somos bravos  
O poder me discrimina  
Eu tô aqui mais forte do que nunca  
Pare de fazer fumaça,  
Não leva a nada  
Não fique aí viajando, fumando essa parada.”  
CLEBER e MÁRCIO, jovens da Oficinas Cooperativas  
Grãos de Luz e integrantes do grupo de hip-hop  
Muita Arte Reinando no Futuro (MARF).

“A gente dava aula a partir dos livros que o governo mandava. A partir da formação Griô, tivemos a ousadia de realizar nossos próprios projetos. Com a formação Griô, aprendemos a trabalhar a afetividade e a racionalidade dos alunos. Com o Griô, deixamos cair as máscaras e nos encontramos nos expressando...”

MÁRCIA TELES, autodenominada educadora griô.

“A linguagem do velho, nas rodas de conversas e brincadeiras, é uma linguagem que a criança entende. Todas as crianças da cidade conhecem o Velho Griô.”

WILMA (29), professora de escola da comunidade rural.

“Depois da formação Griô, descobri que precisamos de uma formação constante.”

ZENILDA (33), professora de escola da comunidade rural.

“O velho é um aprendiz ensinante, cria um acervo de histórias e vai da oralidade para a escrita.”

MARCIO CAÍRES CHAVES, Velho Griô e educador da Associação Grãos de Luz.

“— O que vocês aprendem com o velho Griô?  
— Aprendi que a gente não precisa ter vergonha.  
— Aprendi a tocar zabumba, caixa, agogô, reco-reco.  
— Aprendi a pesquisar as comidas da gente.  
— Eu aprendi a cumprimentar as pessoas, prestar atenção e ouvir o silêncio.  
— Eu aprendo com o Griô, na escola, na capoeira, na biblioteca, no Reisado... E eu vou pra universidade.”

Na roda de conversa, a fala das crianças das Oficinas Grãos de Luz.

“Leite, Leitura, Cultura.”

Poesia feita por Diego (11), estampada na sua própria camiseta.

## Pactos e impactos

**A proposta político-pedagógica do projeto tem inegável impacto** junto ao seu público — crianças, adolescentes, comunidade e educadores da escola pública. A coerência do projeto com os objetivos da organização e com a política pública municipal, o histórico, os objetivos, a metodologia e os resultados do projeto Grãos de Luz e Griô revelam sua importância e relevância, mas sobretudo sua inovadora e criativa abordagem.

À fala sincera das crianças e jovens e relatos dos educadores e agentes locais envolvidos da Formação Griô, somam-se conversas esclarecedoras e animadas com moradores, pais e avós das crianças e adolescentes que relatam a experiência com encanto e valorização.

Com poucos recursos humanos e financeiros, a Associação Grãos de Luz articula parcerias que envolvem toda a comunidade na tarefa de educar suas crianças e jovens.

## ASSOCIAÇÃO GRÃOS DE LUZ E GRIÔ

Contatos:

Telefones (75) 334 1040 e (75) 334 1719

graosgrio@yahoo.com.br

www.graosdeluzegrio.org.br

www.graosgrio.hpg.com.br



# Escola e cidade que se educam

MARCOS ANTÔNIO LORIERI\*

**A**

**s idéias aqui expostas são devedoras de idéias de** muitas outras pessoas. Elas as explicitaram em livros que li. Devo-lhes muito. Mas desejei, na forma como pensei em escrever este texto, mostrar minha própria elaboração de tantas idéias. Fica difícil indicar as fontes, mas elas existem, pois sou, como todas as pessoas, autor e resultado de múltiplas determinações — e agradeço por todas elas. Escolhi ser educador escolar porque sempre desejei fazer parte das múltiplas determinações na educação de tantos cidadãos e assumi a responsabilidade por essa escolha.



---

\* MARCOS ANTÔNIO LORIERI é filósofo da Educação e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e do Centro Universitário Nove de Julho (Uninove).

## 1. Educação e educação escolar

**Educação, num sentido amplo, é o conjunto de modificações** que ocorrem em qualquer pessoa, a partir das relações que estabelece com seus semelhantes e com outros seres, bem como com fatos ou situações. No caso das relações com outras pessoas, elas são sempre recíprocas: todos nos educamos uns aos outros. Essa maneira de entender nos faz pensar a educação como um processo, de alguma maneira constante, de “produção” dos seres humanos. Talvez se possa dizer que a educação é o processo de “fazerção” de seres humanos.

Podemos pensar, por outro lado, que a educação é o conjunto de resultados consolidados em maneiras de ser das pessoas. Nesse caso, dizemos que uma pessoa tem uma educação assim, ou de outra forma. Há, na verdade, uma relação tensa, dialética, entre continuidades na maneira de ser das pessoas e modificações que vão sempre ocorrendo.

A existência humana, na verdade, não é algo estático, ela “vai sendo”, está em devir, exatamente porque está inserida numa realidade em processo, numa história que ocorre em durações que estão sempre gestando modificações. O que se pode afirmar é que, para certos movimentos do devir, nós, os seres humanos, podemos escolher direções ou sentidos: podemos intervir de algum modo, dadas as nossas possibilidades de consciência, de valoração e de vontade.

É importante dizer que as modificações que resultam das relações mencionadas podem ser consideradas boas ou ruins. Há, portanto, entendimentos de educação para o bem ou para o mal e é, a partir daí, que se diz que uma pessoa é bem educada ou mal educada. Esse é um aspecto que se relaciona à valoração da ação educacional ou de seus resultados e não será discutido aqui. O que nunca se pode declarar é que uma pessoa não seja educada. O ser humano é um ser que está se educando sempre. Ele apresenta continuamente um “estado” educacional, uma possibilidade de modificação desse estado e modificações reais em tal estado.

### SABERES, CONDUTAS, EMOÇÕES

A existência humana, desenvolvida historicamente, acontece nas cidades, com todas as suas durações e movimentos próprios. Há fatos e situações que são próprios da vida na cidade, assim como há maneiras de ser das pessoas que são desenvolvidas pelo fato de participarem

da vida de uma cidade. Nas relações nas quais estamos envolvidos numa cidade, educamo-nos de uma maneira peculiarmente urbana, tornando-nos membros da pólis: cidadãos, membros e constituintes da cidade.

Educação, num sentido mais restrito, é o conjunto de relações intencionalmente estabelecidas ou provocadas, tendo em vista modificações desejadas e buscadas na maneira de ser das pessoas envolvidas nessas relações.

A educação escolar é um exemplo de educação no sentido mais restrito, uma vez que as relações estabelecidas entre educadores e educandos visam provocar modificações intencionais, em que pese o fato de ocorrerem também modificações não intencionais.

As modificações intencionais, buscadas na educação escolar, têm variado relativamente às épocas, às várias culturas e a outros fatores.

Uma das modificações intencionais que permanece como alvo constante é a que diz respeito à aprendizagem de certos saberes: estabelecem-se intencionalmente certas relações, para que os educandos aprendam determinados conteúdos de saberes que não possuem... ou que os educadores julgam que eles não possuem. Trata-se de uma modificação do não saber algo para o saber algo.

Parece também permanente, em todas as instituições educacionais escolares, a procura intencional pelas modificações nas condutas ou nas atitudes dos educandos. Espera-se, intencionalmente, que eles passem a agir de certa forma ou consolidem formas de agir já assumidas em outras inter-relações, ou, ainda, eliminem algumas formas de agir consideradas não boas, ou inadequadas, pela intencionalidade da escola.

Recentemente, ou talvez com mais ênfase, há uma busca nova, presente no discurso e nas práticas de muitas escolas. Trata-se de provocar, nos educandos, o domínio de procedimentos que facilitem a produção, por eles mesmos, de novos conhecimentos. Afirma-se que os educandos necessitam aprender a aprender, ou aprender a pensar por eles mesmos de uma certa maneira. Alguns chamam isso de aprendizagem ou desenvolvimento da autonomia intelectual.

Há, também, a procura — ainda tímida, mas proposta — da modificação da heteronomia moral para a autonomia moral: pretende-se, ou se diz pretender, que crianças e jovens aprendam a decidir, por si próprios, como agir, depois que entendem por que devem agir de um modo e não de outro.

*...a cidade educa a  
escola e a escola  
educa a cidade.  
Na verdade, a escola  
é uma invenção  
da cidade.*

Há, ainda, outras modificações desejadas a partir da intervenção educacional escolar. Trata-se de provocar nos educandos a sabedoria de lidar adequadamente com as emoções. Isso inclui saber utilizar esses “móveis” da ação humana a favor da própria realização e também controlar essa movimentação psíquica, ou psicofísica, tendo em vista algum tipo de equilíbrio pessoal e a convivência social.

Pensando assim, pode-se afirmar que a educação escolar é um processo educacional intencional que visa, por parte dos educadores escolares e por meio das relações que estabelecem com os educandos, ao menos, as seguintes modificações:

- do não saber certos conteúdos para sabê-los;
- do não agir para uma forma de agir desejada, ou de uma maneira de agir para outra, considerada melhor;
- de uma forma de proceder para aprender para outra, que seja a da produção de conhecimentos e do pensar por si próprio;
- de uma forma de acatar regras de conduta para uma forma “decisória autônoma”, relativa a estas mesmas regras de conduta;
- de uma forma de lidar com as emoções para outra, considerada adequada à satisfação pessoal e à convivência social.

E mais: por ser um processo educacional intencional, ele envolve escolhas por parte dos educadores. Daí o fato de a educação escolar nunca ser neutra. E como está relacionada à “formação” de pessoas para viverem em uma sociedade, ela é política. Ela é uma forma de intervenção intencional na maneira de funcionar da sociedade, porque procura influenciar algumas formas de ser dos educandos que são julgadas “convenientes” para a sociedade, na qual a educação escolar está inserida.

Pode parecer que as cinco modificações buscadas intencionalmente pela educação escolar — no saber, no agir, no aprender, no pensar, no emocionar-se —, algu-

mas merecendo mais ou menos ênfase ou clareza, dêem conta suficientemente de tudo o que as relações escolares produzem. Mas não dão! Talvez nem sejam essas, ou não somente essas, as modificações pretendidas.

Há sempre mais mudanças que ocorrem nas pessoas envolvidas nas interações escolares e pode haver outras modificações intencionais, que não as anteriormente mencionadas. Porém, para efeito das considerações aqui propostas, levemos em conta um tipo de escola eminentemente urbana. Pensemos na escola educadora (ela sempre o é), numa cidade educadora (ela também sempre o é).

## **2. Escola, cidade, educação**

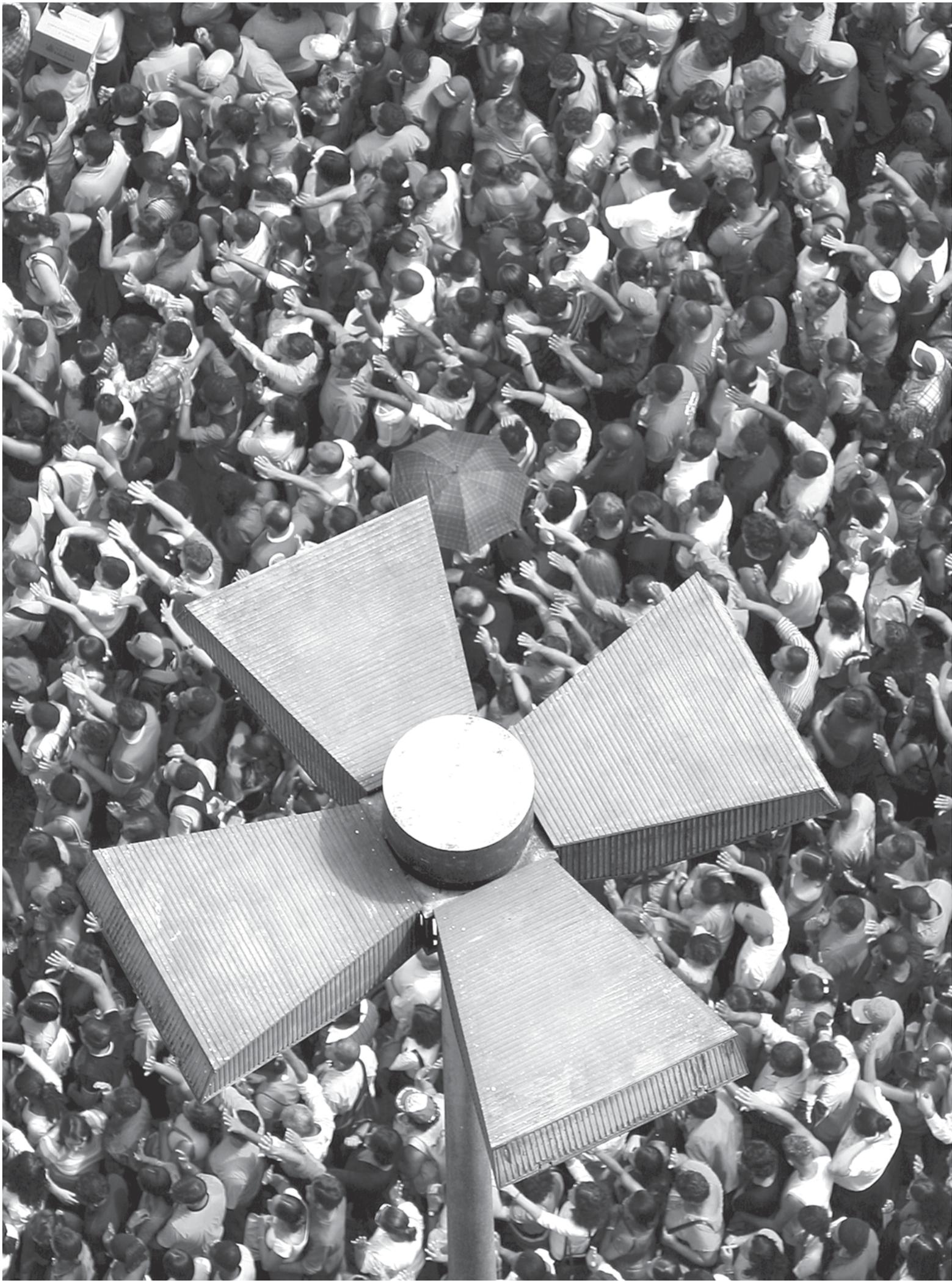
A cidade é sempre educadora pelo fato de se constituir em um conjunto de pessoas em múltiplas interações, um conjunto de instituições, fatos e situações com as quais e nas quais as pessoas interagem, que comporta objetos próprios da vida urbana, propiciando interações específicas. Nós nos educamos nas interações que fazemos: para o bem ou para o mal!

A escola é uma instituição social, uma criação da humanidade, pois ela consegue gerir melhor o processo educativo dos mais jovens quando as várias formas de organização social já cresceram e se tornaram mais complexas. Cidades são arranjos humanos complexos e, nelas, há sempre escolas. E as escolas ganharam importância cada vez maior na vida das cidades.

Na chamada Modernidade, também denominada de sociedade urbano-industrial, a instituição escola tem papel destacado como agência de educação. Ela educa para a cidade e é marcada pelas características da vida urbana, tendo em vista as suas necessidades. Essas necessidades, a cada intervalo de tempo, ampliam-se e demandam mais das escolas numa velocidade que dificulta não só a adequação das escolas a elas, mas também um processo de avaliação mais rigoroso e crítico de tudo que é solicitado aos educadores escolares.

### **COMPLEXIDADE ESPAÇO-TEMPORAL QUE DESAFIA E INDICA CAMINHOS**

Nessa grande complexidade, estão presentes não apenas as dificuldades, mas também as inúmeras possibilidades e desafios. A escola urbana é um universo de trocas, de relacionamentos, de encontros e desen-



contros, de indicações de vida boa, de possibilidades de indicações não boas, de descobertas, de encobrimentos: é um lugar onde tudo o que é humano ocorre e pode ser objeto de reflexão.

A proximidade dos atores escolares — uns com os outros, e de todos com o ambiente geral da escola — permite análises interessantes e instigantes. O humano acontece ali, de uma maneira singular, com muita intensidade nos espaços-tempo delimitados pela própria organização escolar.

Quem vive o cotidiano escolar sai exausto dele, a cada dia, e não é por acaso. É uma experiência intensa que marca a vida das pessoas e as faz levar essas marcas para os outros relacionamentos nos quais se envolvem: nas famílias; nas festas; nas igrejas; nos clubes; nos ambientes de trabalho; nos momentos de lazer; nas brincadeiras, especialmente nas das crianças (quantas, talvez todas, acabam brincando de escolinha, em todos os demais espaços da cidade).

Escola e cidade são mundos de tal modo imbricados, como são imbricados alunos, professores e pais. É um grande desafio saber identificá-los e circular por eles com a desenvoltura e a propriedade que a educação formal e informal exigem.

Imbricados como são, determinam-se mutuamente: a cidade educa a escola e a escola educa a cidade. Na verdade, a escola é uma invenção da cidade. A escola é a cidade educando intencional e formalmente seus membros para si mesma.

As relações e inter-relações que ocorrem na cidade são educativas por si mesmas. A escola, dentro da cidade, promove relações desejadas, estudadas, intencionais: desejadas pela cidade, pela pólis! Nem sempre isso é muito consciente: daí certas desavenças entre a escola e a chamada “comunidade externa”. As exigências da cidade batem sempre à porta da escola. Na verdade, nem mesmo batem à porta: entram simplesmente pelo fato de os habitantes da escola serem os mesmos habitantes da cidade e de a escola estar na cidade e ser parte dela.

O espaço político da escola — assim denominado porque é um espaço da pólis e para ela — tem especificidades: são especificidades necessárias para a própria cidade e dela decorrentes. Daí a necessidade de seus gestores, aí incluídos todos os seus educadores, serem capazes de gerir de fato e com competência o seu acontecer, tendo como primeiro passo necessário o ouvir atento as demandas da pólis. Escola não é ilha: é lugar

específico que deve fazer educação como parte de toda a educação da cidade.

Não é mais possível que alguém pense e faça escola fazendo de conta que o todo da pólis não lhe diga respeito. Isto é mesmo uma “falta de respeito” à necessidade humana básica da sociabilidade. Se tudo o que é humano diz respeito a todos os humanos, o social está aí incluído e, portanto, a cidade, a pólis. E, portanto, a escola que é sempre da pólis, na pólis e para a pólis. É por isso que dizemos que a educação é sempre um ato político.

Claro está, nesta minha elaboração, o quanto devo a tantas idéias: e eu as encontrei nos meus caminhos nas cidades por onde andei, dentro, principalmente, de escolas.

Cidades: verdadeiros ninhos de humanização e... de riscos de desumanização! Escolas: pedaços privilegiados desses ninhos! Que podem ajudar na humanização, mas podem, também, servir ao que desumaniza. Cabe-nos, como profissionais conscientes, evitar e afastar a desumanização, ao menos naquilo que é da nossa responsabilidade e competência.



## Detetives do conhecimento

MARCOS ANTÔNIO LORIERI\*

*A escola pode ser e é um caminho, um “curso”,  
um percurso de tantas descobertas!  
Esse deve ser o seu curso, ou currículo.*

**Como professor e diretor em escolas públicas e particulares** na cidade de São Paulo — nas quais trabalhei com o Ensino Fundamental, Médio e Superior, quase ao mesmo tempo — vivenciei e vi vivenciarem incontáveis e intensas experiências humanas. Pensei, muitas vezes, sobre as conseqüências — para mim, para meus colegas educadores e para tantos educandos — de ter vivido ou estar vivendo tais experiências na escola.

Quero relatar algumas impressões relativas a essas intensidades observadas e, refletindo sobre elas, contribuir para que pensemos, ao menos, na enorme responsabilidade que é ser educador em escolas.

Lembro-me de algo intenso que eram os olhos brilhantes de crianças em aulas, nas quais, pela mediação da palavra de professores e de conteúdos de estudos, descobriam novidades sobre o mundo, a natureza, os seres humanos, seus corpos, produções científicas e literárias. Crianças e jovens se maravilham com a maravilha do real de que fazem parte e do real que são.

### Na escola a gente é um cientista

**Um dia, em 1988, numa escola da cidade de São Paulo** — e que cidade! — especificamente no bairro de São Miguel Paulista, conversávamos, as crianças de uma 3ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública, a professora da classe e eu, sobre o que é investigar: o tema

havia surgido após a leitura de um pequeno texto. Alguns disseram que investigar era procurar saber; outros, que era fazer o mesmo trabalho do investigador de polícia (o pai de um dos alunos exercia essa profissão); outros, ainda, que era ser detetive, como nos filmes de mistério.

A professora perguntou se, no dia-a-dia, todos nós investigávamos. As crianças disseram que sim, e deram exemplos bem prosaicos, como descobrir onde era o banheiro da escola nos primeiros dias de aula, ou de que forma conseguir do pai e da mãe algum dinheirinho para comprar um doce. Um aluno afirmou que usava pistas para descobrir certas coisas. Deu, como exemplo, ter utilizado o cheiro de comida para descobrir onde estava sendo servida a merenda escolar.

Uma aluna aproveitou a idéia de pista para retomar a conversa sobre o detetive: “Ele é um pesquisador que utiliza pistas”, disse ela. Seguiram-se, então, vários exemplos de pistas que poderiam nos levar a saberes, os mais diversos. Foi nesse momento da aula que uma menina, com um brilho diferente nos olhos, “sacou” a sua descoberta: “O cientista é um detetive da natureza”. Eu lhe perguntei: “Como assim?”. E ela: “Cientista não é quem vive procurando saber sobre a natureza? Ele só pode procurar saber se seguir pistas!”.

Houve um pouco de silêncio que logo consegui quebrar, emendando mais uma pergunta: “E você acha necessário haver cientistas, isto é, pessoas que ficam procurando saber sobre a natureza?”.

E ela: “É claro! Como é que a gente ia ter livros para estudar na escola se não tivesse cientistas?”. “Só para isto?”, perguntei. Alguém, não a menina, respondeu: “É claro que não. Os cientistas estudam e escrevem para outras pessoas estudarem e ficarem sabendo de muitas coisas”.

\* MARCOS ANTÔNIO LORIERI é filósofo da Educação e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e do Centro Universitário Nove de Julho (Uninove).

A professora entrou na conversa e perguntou: “Mas por que as pessoas precisam ficar sabendo destas muitas coisas?”.

Aí a conversa na sala ficou muito interessante. Estudar o que já foi produzido poderia ser, sim, muito útil para inúmeras coisas. As crianças sabem que o conhecimento é muito importante e que a escola é mesmo um bom lugar para “obtê-lo”. Um aluno que estava aparentemente distraído disse: “Acho que na escola a gente é um cientista; as pistas são os livros e a gente vai lendo e perguntando e vai sabendo de muita coisa; é legal!”.

Nunca mais me esqueço desse momento e, principalmente, do brilho nos olhos daquelas crianças. Vejo também esse brilho, com frequência, nos olhos de alunos da graduação e da pós-graduação na escola chamada Universidade.

A boa escola (e quem a faz são os professores com os alunos) é um lugar privilegiado para fazer brilhar a felicidade de descobrir tudo sobre tantas coisas. Escola boa é muito bom!

A descoberta da felicidade da descoberta, e dos meios para se chegar a ela, é altamente educativa e repercute, certamente, na vida da cidade que tem cidadãos que aprenderam assim. Quantas descobertas podem ser feitas pelos moradores urbanos que as sabem fazer, e como, a partir dessas descobertas, tantos problemas da cidade podem ser mais bem encaminhados!

### **Interações opressivas**

**Mas a escola não é feita só para se saber sobre o que** é descobrir e nem só para se ficar conhecendo o que tantos estudiosos descobriram. O trabalho com os conteúdos do saber é uma grande e importante mediação de e para a vida de nossos alunos. Há outras mediações importantes que a vida na escola faz acontecer, por exemplo, o encontro com pessoas diferentes daquelas com as quais nos encontramos em casa, no círculo de parentesco, na vizinhança.

Quantas descobertas interessantes e importantes as crianças, os jovens e os educadores fazem na escola ao se relacionarem com pessoas diferentes que têm maneiras diferentes de pensar, de agir, de valorar. Essas pessoas nos mostram outras possibilidades de encaminharmos

nossas vidas que não veríamos se não estivéssemos nesse ambiente tão diversificado.

Nesses relacionamentos, presentes no ambiente escolar, pode-se perceber encontros e desencontros; e nota-se que é assim que as pessoas envolvidas aprendem a lidar com eles. Alguns aprendem com pouca ajuda; outros necessitam de mais ajuda, de mais mediações. Os educadores da escola podem ajudar ou ser mediadores no aprendizado das crianças e jovens, principalmente quando há encontros desastrosos — nós os chamamos de desencontros!

Numa das escolas em que trabalhei, vivenciei a seguinte situação: andando pela escola — atividade necessária para todo diretor escolar — vi, pela janela, um adolescente atirar um pequeno objeto para o alto, atingindo uma lâmpada que se partiu e cujos pedaços caíram sobre seus colegas. Houve um pequeno tumulto que a professora da classe procurou contornar, satisfatoriamente. Em seguida, ela ponderou com os alunos sobre a inadequação dessa atitude e disse não ter visto quem havia feito aquilo.

Ela esperava, porém, que o aluno em questão se apresentasse como o responsável pelo ocorrido e assumisse as conseqüências. Eu estava do lado de fora observando, mas não havia sido visto pelos envolvidos. O aluno que atirou o objeto levantou-se e disse à professora que o culpado era um outro, que ocupava uma carteira escolar bem à sua frente. A professora perguntou a esse aluno se era verdade e ele confirmou a acusação que o colega lhe fizera. A professora pediu-lhe, então, que se dirigisse à diretoria da escola para se explicar.

Neste momento, dirigi-me à porta da sala e lhes comuniquei que eu mesmo o acompanharia à diretoria para conversarmos. Na conversa, o aluno acusado injustamente confirmou-me a acusação do colega. Contei a ele que vira o colega que o acusara atirar o objeto que provocou a quebra da lâmpada e que não estava entendendo porque ele aceitava ser acusado injustamente. Para minha surpresa, ele me respondeu que esse colega e mais a sua turma só o aceitariam no grupo se ele fizesse tudo o que eles queriam. Se ele rejeitasse a acusação, perderia a chance de participar do referido grupo. Ponderei sobre o inaceitável de tal situação, e ele concordou. Mas se confessou impossibilitado de reagir a ela.

Pensei: “Uma pessoa sendo oprimida e educada para aceitar a opressão nas interações nas quais está envol-

vida”. Mas avaliei também que ela merecia mediações que a ajudassem a reverter essa situação. Perguntei se ele queria ou desejava reverter essa situação. Ele me respondeu, quase em prantos, que sim.

Pedi-lhe que aguardasse alguns dias sem comentar nada com ninguém, deixando as coisas como estavam, por enquanto. Passei a observar discretamente suas outras interações: em várias, aceitava, constringido, opressões. Por exemplo: na quadra de esportes, pedia para jogar como atacante no time de futebol. Os colegas da turma diziam que, se quisesse jogar, tinha que ser no gol. Ele “aceitava”. E assim em outras situações: “aceitava”...!

Conversei com outros professores, a orientação educacional da escola e, por fim, com os pais do aluno. Juntos, desenvolvemos um plano de ação para ajudá-lo e para ajudar os seus colegas a não se “educarem” como opressores. Na nossa concepção do que é o ser humano e a boa educação, não cabia permitir a (des)educação de jovens para se tornarem oprimidos ou opressores. Isso estava muito claro em nosso projeto educacional. Por isso, sabíamos que deveríamos agir, interferir, para que pudéssemos ajudar aqueles jovens a não serem pessoas autoritárias, nem concordes com o autoritarismo sobre os outros ou sobre eles próprios.

Há que haver, na pólis, na cidade, o repúdio a toda forma de autoritarismo e de exploração. Mas para que isto aconteça, é preciso educar as crianças e os jovens nessa direção, para essa finalidade. Nos discursos pedagógicos atuais, raramente se vê uma abordagem a respeito das finalidades da educação. Como faz falta a Filosofia na formação dos educadores!

Pois bem: esse aluno estava, naquele ano, na 8ª série do Ensino Fundamental; quando cursava a 2ª série do Ensino Médio, já jogava futebol no ataque! E mais: de vez em quando, para colaborar com os colegas e por decisão própria, ele jogava também no gol! Foi um longo, mas valioso trabalho realizado numa escola desta imensa cidade de São Paulo. E seus colegas, aprendizes de opressores, passaram a respeitá-lo muito. O trabalho foi feito com todos e nos pareceu que o aprendizado de todos foi outro: pareceu-nos que aprenderam a não desejar a opressão. Se foi mesmo, só a história deles, na cidade, dirá.

## **Menoridade e maioria cidadã**

**Fui coordenador de uma experiência educacional de** formação de futuras professoras para as séries iniciais do Ensino Fundamental. Era uma escola que pretendia ajudar a formar educadoras de escolas. Que grande e importante tarefa! Como os cursos de formação de professores — os educadores das escolas das cidades — deveriam merecer muito mais atenção de todos os cidadãos! Menciono, dessa experiência, mais um fato.

Recebemos como aluna uma jovem, entre dezenas de outras, que apresentava enormes dificuldades com a escrita, a leitura e a matemática. Além disso, as colegas não queriam ficar perto dela porque, diziam, ela não tomava banho. Situação constrangedora para todos, especialmente para a jovem. Os educadores da escola têm obrigação de perceber tudo isso e ajudar a buscar soluções.

A professora de matemática foi a primeira a propor ações de ajuda educacional. Desafiou a jovem a ser uma das melhores alunas de matemática e lhe ofereceu ajuda especial. A aluna aceitou. A professora de biologia encontrou uma maneira de trabalhar para o desenvolvimento da capacidade de leitura da aluna. Concomitantemente, a partir dos textos, começou uma conversa sobre hábitos higiênicos: primeiro, o que deveria ser trabalhado com as crianças, nas escolas, quando ela fosse professora. Em seguida, veio a oportunidade de discutirem a necessidade de toda professora ser um exemplo para as crianças.

Foi então possível identificar problemas que a jovem carregava consigo: desde as condições de pobreza nas quais vivia, até a falta de esclarecimento sobre higiene pessoal. Houve, em quatro anos, mobilização da comunidade escolar para ajudar essa e outras jovens na solução das suas dificuldades econômicas e na superação das dificuldades acumuladas no processo anterior de escolarização.

Ela se tornou uma das melhores alunas do curso. Suas conquistas escolares a impulsionaram na busca de soluções para outras necessidades de sua família. Conforme ela mesma nos disse, sentira-se uma pessoa derrotada; agora, não mais. Formou-se professora e se casou com um engenheiro estrangeiro. Até onde sabemos, mora em outro país e está muito bem.

*Há que haver,  
na pólis, na cidade, o  
repúdio a toda forma  
de autoritarismo e de  
exploração. Mas para que  
isso aconteça, é preciso  
educar as crianças e os  
jovens nessa direção, para  
essa finalidade. Nos  
discursos pedagógicos  
atuais, raramente se vê  
uma abordagem a  
respeito das finalidades  
da educação. Como faz  
falta a Filosofia na  
formação dos educadores!*

Naquela escola em que trabalhávamos, não podíamos desconhecer todos os problemas que envolviam a vida dessa e das demais jovens na cidade da qual faziam parte e com a qual interagiam numa situação de minoridade: foram os professores da escola desta mesma cidade, inicialmente liderados pela professora de matemática, que reconheceram isso e ofereceram a elas mediações educacionais que puderam ajudá-las a se tornarem “maiores”, a saírem de uma minoridade cidadã injusta. Claro que o responsável pela mudança não foi só o trabalho educativo da escola, mas ele contou muito.

Este meu texto, um relato de casos e um conjunto de reflexões, é uma oportunidade para dizer algo que julgo muito importante. Presenciei, nestes bem mais de 30 anos de vivências escolares, muitos percursos, cursos ou currículos serem percorridos por tantas crianças e tantos jovens, e vi, muitos deles, já adultos, atuando na vida de tantas cidades, afirmarem: “Que bom o que tivemos nas escolas por onde passamos!”

Alguns também me contaram experiências que os marcaram negativamente — eles são minoria.

Testemunhei e testemunho aqueles que foram ex-alunos tornarem-se doutores e mestres nas Universidades. Outros dirigem escolas. Uns poucos são atores. Há ainda os que se transformaram em políticos, dentistas, médicos e engenheiros e, principalmente, em pais e mães. Eu e tantos colegas que trabalhamos juntos nas escolas somos formadores não só de habitantes das cidades, mas de seus co-construtores.

E isso é uma enorme responsabilidade. Responsabilidade acrescida pela confiança que os cidadãos depositam em nós, educadores. A escola parece ser o único lugar no qual pais e mães deixam seus filhos por quatro ou mais horas, todos os dias, confiando nos seus educadores. Essa é uma constatação que me emociona e me faz dizer a todos os educadores das escolas que nenhum deles pode jamais trair essa confiança eminentemente cidadã.

A escola é da cidade e à cidade ela deve oferecer cidadãos educados da “melhor qualidade”, como diz Terezinha Azeredo Rios. Essa “melhor qualidade” na educação dos cidadãos é fator fundamental para melhorar a qualidade da cidade que todos queremos.

